

Português como língua internacional: a urgência de uma língua pluricêntrica

Foreign Brazilian language policy: an analysis of its fragilities

Aline de Almeida Gandra

Universidade do Porto

<https://orcid.org/0000-0003-4320-7215>

alineagandra@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões em torno da língua portuguesa como língua internacional, discutindo sobre as suas variedades e o impacto nas práticas pedagógicas de Português como Língua Estrangeira e em Português como Língua de Herança quanto às políticas linguísticas, ou falta delas, desenvolvidas pelos países da comunidade lusófona.

Palavras-chave: Políticas linguísticas; Língua Portuguesa internacional; Pluricentrismo; Decolonialidade; PLNM.

ABSTRACT

The present text presents issues and thoughts about the Portuguese Language as an international and pluricentric language. Also reflects the impact on teaching methodologies of Portuguese as a foreign language and Portuguese as a heritage language, regarding linguistics politics, or lack of them, created by the Lusophony community countries.

Keywords: Linguistics politics; International Portuguese Language; Pluricentrism; Decoloniality; PLNM.

1. Introdução

Lecionar língua portuguesa como língua não materna (PLNM) é como lançar-se a um território sem as mínimas orientações para locomover-se, abrigar-se e desenvolver-se. E quando se é nativo desta língua, mais cedo ou mais tarde surgirá muitas perguntas, entre elas “como abordar outras variedades na minha prática pedagógica? Eu posso falar da cultura de outros países? Devo ensinar o folclore para uma criança que nunca esteve no Brasil? Eu falo português ou brasileiro?”.

E quando a pessoa profissional, se brasileira, tem formação superior em Letras, curso que teoricamente a prepararia para as diversas possibilidades de atuação tendo a língua portuguesa como protagonista, acaba por descobrir que não conhece o universo da língua, já que muitos cursos superiores tradicionais no Brasil não dispõem de um programa ou uma disciplina voltada para a área de PLNM em sua grade curricular.

É dentro deste contexto que este artigo se insere, convidando o leitor a imaginar uma árvore, cujo tronco seriam as políticas linguísticas de PLNM, e os galhos são as particularidades de cada possibilidade de atuação na área, de cada contexto social, político, histórico, variedades, materiais de apoio e tudo que permeia esse universo. Existem ainda as folhas, que são elementos a considerar quando se abarca nesse mundo.

O objetivo deste texto é discutir sobre as políticas linguísticas de promoção da língua portuguesa internacionalmente, abordando suas diversas áreas de atuação. Portanto tratar-se-á majoritariamente do ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) e do ensino de Português como Língua de Herança (PLH) e tudo que se relaciona direta e indiretamente à promoção dessas duas modalidades.

2. Língua de Herança

Língua de herança é, segundo Dabène (1994), aquela adquirida no berço familiar e da comunidade de origem na diáspora, em um ambiente linguístico maioritário, e que de acordo com Bastos e Melo-Pfeifer (2017, p. 181) depende “das práticas de comunicação e de transmissão familiares”.

A imigração de brasileiros acontece há anos e em diferentes momentos históricos. Até a década de 2000 houve uma tendência de imigração para os Estados Unidos, porém na atualidade o destino preferido pelos brasileiros passou a ser Portugal (Pinho, 2014), ainda assim, existem outros muitos países que recebem, e receberam, uma grande quantidade de brasileiros de perfis sociais e

econômicos variáveis. Dessa maneira, iniciativas de promoção ao ensino de PLH emergiram ao redor do mundo (Gomes e Moroni, 2015).

Cada iniciativa de PLH carrega características próprias relacionadas ao local que se estabelece, e geralmente iniciam por uma atitude familiar, e posteriormente espalham-se pela comunidade e crescem conforme a demanda dos integrantes. Famílias e comunidades brasileiras que decidem por promover programas de ensino para a manutenção da cultura e língua materna, não contam com apoio institucional governamental, sendo mantidas de maneira autônoma atendendo às particularidades da sua comunidade, como ao considerar a diversidade do modelo familiar de casais com códigos linguísticos mistos “que por vezes decidem transmitir mais de uma língua e cultura aos filhos - variáveis que influenciam na transmissão de LH” (Gomes e Moroni, p.15, 2015).

Já as iniciativas de PLH da variante europeia contam com o Instituto Camões como organização governamental que promove o ensino da língua e cultura portuguesa ao redor do mundo, consoante com o projeto de governo de Portugal que ancora a projeção da língua portuguesa como item importante na lista de compromissos do país, assim como declarou o atual presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, ao discursar na 76ª Assembleia Geral da ONU¹.

Fato que demonstra um esforço federal na promoção da variedade europeia desta língua e que ecoa em uma maior produção bibliográfica de suporte pedagógico para o ensino do português ao redor do mundo, ou melhor dizendo, ecoa em uma concentração desses recursos pedagógicos em local especializado (seja este local um portal na internet, ou até mesmo uma comunicação mais efetiva entre o instituto e as universidades portuguesas e estrangeiras que promovem cursos e formação continuada para profissionais ou aspirantes a profissional de ensino de PLNM), privilegiando assim, na maioria das vezes, apenas uma variedade da língua no processo de promoção do idioma internacionalmente.

3. Você fala português ou brasileiro?

Ao discutir PLH e PLE, observa-se que seus atores clamam para chamar para a discussão as outras variedades da língua, que não apenas a brasileira e a europeia, o que é uma preocupação legítima, embora vago, já que há a necessidade de observar as particularidades, as folhas de todos os galhos.

Para tanto, faz-se necessário observar que há casos específicos como o de Moçambique em que a língua portuguesa é língua primeira para 6% da população, enquanto as outras 17 línguas locais são primeira língua para 93% da população (Lopes e Pinto, 2017), em outras palavras, ainda que a

¹ Discurso do presidente Marcelo Rebelo de Sousa: https://www.youtube.com/watch?v=c_Cdt15bDak e <https://pt.euronews.com/2021/09/21/jair-bolsonaro-e-marcelo-rebelo-de-sousa-em-sintonia-na-onu>

Língua Portuguesa seja a língua administrativa de Moçambique, a maior parte da população local não a domina, o que provavelmente afeta a relação com a língua e o conceito de herança do moçambicano na diáspora.

Outro exemplo do português africano seria o caso da Guiné-Bissau, que Siga (2021, p.38) reflete sobre o vínculo da língua portuguesa no debate acerca do lugar da cultura na didática de PLNM no país, e releva que o território é multiétnico e multicultural, sendo necessário considerar os focos de instabilidade política e abordar a temática cultural com respeito e com o objetivo de promover proficiência linguístico-comunicativa mais rapidamente. O autor elucida que existem coeficientes muito mais complexos a considerar quando se questiona qual é a língua portuguesa que vem sendo exportada como língua estrangeira ou de herança, assim como questionou Melo-Pfeifer (2018, p.1166) quando indaga “que língua? Que herança?”, mesmo porque deve-se levar em conta que assim como na Guiné-Bissau, a língua portuguesa na África é língua oficial, e não língua materna para a maioria dos seus habitantes.

4. O passado que respinga no presente

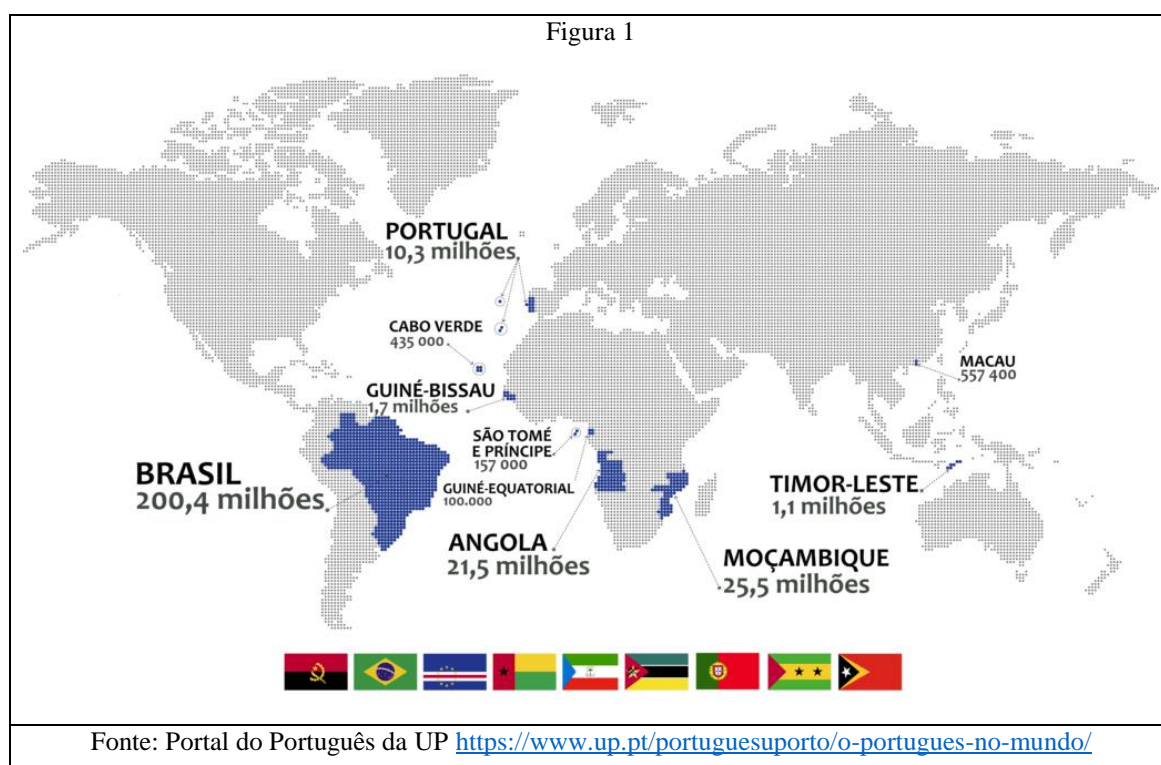
A Língua Portuguesa é uma língua internacional, assim como definida por Faraco (2016, p.9) quando explica que o advento da colonização portuguesa levou a variedade linguística românica, que por sua vez surgiu do latim falado no que hoje compreende os territórios no norte de Portugal e da Galiza, para a América, África e Ásia. Faraco (2016, p.15) defende que “isso significa que o latim, com suas diversas variedades sociais, chegou a cada uma das grandes áreas peninsulares em diferentes estágios histórico-evolutivos”, e dessa maneira, processos de tendências evolutivas da língua apresentaram-se, resultando em línguas distintas na Península Ibérica, partindo desde a queda das consoantes /-l-/ e /-n-/ (salire > sair; corona > corôa > coroa), até os diferentes sotaques e variedades linguísticas existentes na região atualmente (Faraco, 2016, p. 16).

Segundo Labov (1972), há diferentes aspectos de variação linguística, e a sociolinguística fornece ferramentas para descrever uma comunidade de indivíduos que se compreendem e estabelecem comunicação, ainda que existam diversidades e variantes linguísticas. Os países chamados lusófonos compõem essa realidade, compartilham o mesmo código linguístico que varia conforme o contexto político, social, cultural e a história de cada nação, mas há entendimento entre si havendo similaridades e diferenças culturais.

Segundo Clyne (2012, apud Melo- Pleifer, p. 1165, 2018), uma língua pluricêntrica é “língua oficial, falada e usada para fins comunicativos em, pelo menos, duas nações; as variedades são facilmente reconhecíveis e distintivas”, e justamente por conter vários centros com padrões distintos

de um mesmo código, resulta em uma atmosfera densa entre a variante linguística do ex-colonizador e de suas ex-colônias.

Bakhtin e Voloshinov (1988, p. 147) afirmam que conforme os objetivos apresentados pelo contexto, a época, os grupos sociais e a língua, “vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”. Os autores esclarecem, a partir da citação anterior, um fenômeno natural que vem acontecendo com a língua portuguesa há décadas, não apenas pelo número de falantes de português de diversas variedades e por conta dos programas de PLH espalhados pelo mundo, mas também pela exportação cultural em português do Brasil.



A teoria laboviana prevê os condicionadores linguísticos e sociais, que são fatores relacionados à língua ou à aspectos da sociedade que, no que diz respeito à variação, subordinam a escolha entre uma variedade ou outra, e dessa maneira uma variedade tem tendência a ser escolhida em prejuízo de uma ou mais variedades rivais. Na mesma linha, Villela (2014, p. 191) utiliza o termo “rival” em sua tese de doutoramento, quando explica que no âmbito político-cultural, Brasil e Portugal tendem a momentos de “cooperação e concorrência”, mas que essa competição pouco influencia no comportamento do falante de língua portuguesa.

Villela (2014) faz uma pesquisa rica e extensa sobre a internacionalização do português e as relações de poder entre os países que a falam e destaca, entre outros pontos, que o domínio da língua portuguesa permite o acesso aos mercados emergentes na esfera econômica-comercial, da mesma maneira que ocorreu no século XVI, período em que a língua portuguesa era global e utilizada por

comerciantes de diversos países, muito similar ao uso atual da língua inglesa. A autora cita Sloterdijk (apud Villela, 2014, p.55) ao afirmar que “Espanha, Portugal e Inglaterra fizeram de suas línguas parte do processo de expansão e conquista associando-as à política”, o que dialoga com o conceito de hegemonia europeia de Quijano (2005) quando alega que desde a modernidade a Europa controla todas as formas de subjetividade, e não apenas a esfera econômica, mas também a produção do conhecimento e da cultura, portanto o eurocentrismo seria uma questão de epistemologia e não de geografia.

5. Visão deconial da língua

A epistemologia é uma das áreas da filosofia que corresponde ao estudo crítico dos resultados científicos, sejam as hipóteses ou os resultados de um estudo de campo. O pesquisador lusitano Boaventura de Sousa Santos (1995) defende que esta área abrange toda ideia de conhecimento legítimo, e ressalta que uma epistemologia com os olhos para o sul “assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir e com o Sul.” (Santos, 1995, apud Santos e Meneses, 2009, p.9).

O autor argumenta a necessidade de aprender com as experiências e diversidade do sul global, e elucida que o objetivo do norte global está relacionado à intenção de demarcar a ciência, ignorando outras formas de saberes, havendo então essa necessidade intrínseca de rotular o que seria verdadeiro e/ou falso, partindo de uma visão exclusivamente eurocêntrica.

Embora a língua portuguesa tenha sido importante durante a globalização do período das navegações, o seu uso era instrumental e não estava associada a um bem do império. Faraco (2016) usa o termo “língua do Estado-nação” ao explicar que esse conceito surgiu pós-revolução francesa, já que até o momento, mesmo durante o período colonial “não existiam as condições nem a necessidade de forjar uma consciência ou uma identidade nacional, fundada numa certa homogeneidade de cultura, por sua vez apoiada na unidade de língua” (Monteagudo, 2012, p.47 apud Faraco, 2016 pp. 28-29).

Após, sobretudo o período contemporâneo ao poeta Fernando Pessoa, a associação da língua a nação passou a ser fortemente utilizada pela nação portuguesa, o que veio a se tornar um projeto de, nas palavras de Faraco (2016, p.235), “não mais de ocupar terras, mas de ocupar almas”. Esse efeito é refletido nas políticas linguísticas alavancadas pelo Instituto Camões, como a criação de oportunidades para atuar no ensino de língua portuguesa não materna exclusivas para cidadãos portugueses (Bagno, 2013).

O Instituto Camões promove a língua e cultura portuguesa de variedade europeia, o que faz sentido já que é um instituto de Portugal, e, portanto, privilegiar a sua cultura enquanto exercem suas

atividades é um caminho natural. O fato é que a língua portuguesa é plural e composta por diversas variedades, logo, de que maneira essa diversidade é abordada pelo instituto? Sob a ótica de quem a história dessa língua é contada mundo afora?

Para elucidar os questionamentos acima, faz-se necessário uma pesquisa específica acerca das políticas linguísticas, já que o Instituto Camões está presente em diversas escolas e universidades, sendo referência quanto à promoção da lusofonia. Cabe ainda questionar as ações, ou falta delas, de políticas linguísticas adotadas pelos outros países luso-falantes, entretanto, ao considerar o atual momento histórico da língua portuguesa, contar a versão da história apenas na perspectiva do norte agrava a sensação de rivalidade.

6. Lusofonia na mídia

Segundo Maingueneau (2020, p.74) aquele que escreve a notícia pode impulsionar e gerar uma determinada reação do leitor, resultando um ato de fala. Van Dijk (2001, p. 147 apud Maingueneau, 2020, p. 55) afirma que “os preconceitos étnicos e as ideologias não são inatos [...]. Eles são adquiridos e aprendidos, e isso em geral ocorre por meio da comunicação, por meio dos textos e das conversas”, logo, há a responsabilidade da mídia jornalística no combate ou no incentivo aos diversos tipos de preconceitos, entre eles o preconceito linguístico.

No dia 10 de novembro de 2021, o jornal português Diário de Notícias publicou uma reportagem cujo título dizia² “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”. O artigo revela um sentimento de medo dos pais de crianças portuguesas, que inclusive bloqueiam conteúdos brasileiros no *Youtube* para evitar o contato com a variante da língua portuguesa tratada como outra língua, a língua brasileira. A professora de linguística chamada para explicar o fenômeno, considerou a situação como passageira, não sendo motivo para pânico. A repercussão da reportagem foi negativa no Brasil, e causou uma enxurrada de pronunciamentos de *Youtubers* e da mídia brasileira que ora demonstraram aversão pelo argumento da reportagem, ora satirizaram a preocupação levantada pelo jornal português.

No dia 03 de abril do mesmo ano, outro jornal português, o Jornal Expresso³, também publicou uma reportagem com o mesmo tema cujo título era “O português a saque: nunca se falou e escreveu tão mal. Veja os exemplos. Entre o inglês contrabandeado e o brasileiro das novelas, a língua

² Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>

³ Jornal Expresso: <https://expresso.pt/sociedade/2021-04-03-O-portugues-a-saque-nunca-se-falou-e-escreveu-tao-mal.-Veja-os-exemplos-c47bcdde>

portuguesa agoniza”. Esta última reportagem não repercutiu no Brasil, já que não relacionava o fenômeno à influência de *youtubers*, o que revela três realidades: a internet aumentou a exportação cultural em português brasileiro, a reportagem evidenciou a aparente falta de interesse do Brasil em projetar a língua portuguesa internacionalmente, e a mídia portuguesa reflete a visão eurocentrista da língua, o que seria uma oportunidade para o instituto camões pronunciar-se como um órgão difusor de uma língua plural ou manter-se calado e fomentar a ideia de língua associada à nação, o que contribui para a manutenção do clima de rivalidade que voltou a emergir.

7. A Língua Portuguesa na internet

De maneira geral, o falante de português brasileiro parece não dar importância se há ou não a disseminação da sua língua internacionalmente (Bagno, 2013), reflexo do desinteresse brasileiro em desenvolver políticas linguísticas para esse feito, mas também é resultado do distanciamento cultural entre o Brasil e outras variedades do português que ocorria antes do advento da internet e do aumento do processo migratório para Portugal. Ainda hoje, muitos brasileiros desconhecem que existem falantes de português pelo mundo além dos portugueses, e até que imigrem assumem que não há grandes diferenças lexicais, gramaticais ou culturais entre Brasil e Portugal.

Por outro lado, há décadas o país lusitano consome o Brasil culturalmente, seja por novelas ou por músicas, e há o aumento exponencial da imigração brasileira no país, o que promove também o contato linguístico entre as diversas variedades brasileiras, e por sua vez, os brasileiros entram em contato com as outras variantes do português, sejam elas as africanas, timorenses, e de muitos outros povos que também imigram para Portugal, resultando em choque, mas também o indício de novos rumos na evolução da língua portuguesa.

Enquanto isso, o Brasil segue como um dos países mais ativos na internet e nas redes sociais, sendo muito presente nas ferramentas de *streaming*, produzindo conteúdos em língua portuguesa do Brasil. Um exemplo desse fenômeno é o *streamer* Alexandre Gaules⁴ que ocupa o segundo lugar entre os *streamers* mais assistidos no mundo que, além de transmitir partidas de jogos de vídeo game, também é anfitrião dos jogos da NBA em seu próprio canal na Twitch, ferramenta da gigante Amazon e referência no universo *gamer*.

⁴ Jornal The Guardian: <https://www.theguardian.com/sport/blog/2021/jun/14/floyd-mayweather-v-logan-paul-triumph-sporting-promotion-boxing>

Figura 2



Fonte: Portal Globo.com <https://ge.globo.com/esports/noticia/gaules-e-o-2o-streamer-mais-assistido-do-mundo-em-novembro.ghtml>

Monica Villela (2014, p.23) questiona se uma das motivações de Portugal em promover uma iniciativa governamental internacional de promoção da língua não seria com o intuito de relativizar a “ascensão geopolítica do Brasil e a influência natural que a variante brasileira poderia obter”. Ainda que não se saiba a resposta, o fato é que o formato atual da internet permite um intercâmbio cultural entre países de línguas diferentes, não seria diferente ou menos intenso entre as culturas de mesma língua e isso não deveria ser conflitante, deveria ser cooperativo e é responsabilidade de todos os países falantes da língua criar meios de promover a pluralidade linguística dentro e fora de seus territórios.

8. Língua Portuguesa internacional: ações do Brasil

Em 2020 a Secretaria de Comunicação e Cultura do Ministério das Relações Exteriores criou a cartilha de propostas curriculares para ensino de português no exterior, focando no Português como Língua de Herança. O documento propõe caminhos para a formulação de cursos de “(i) português como língua estrangeira para países de língua oficial espanhola; (ii) português como língua intercultural para países de língua oficial portuguesa; (iii) literatura para o ensino de português; (iv) português para praticantes de capoeira; e (v) português língua de herança” (Relações Exteriores, 2020), defendendo ser reflexo da promoção do idioma por parte do Itamaraty.

A cartilha baseia-se no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QEER), e apresenta sugestões de conteúdo e procedimentos como um guia para os facilitadores de PLH. A ação marca um movimento importante por parte da embaixada brasileira e dos envolvidos na promoção da língua portuguesa internacionalmente, porém ainda não apresenta sequência didática clara que de fato possa auxiliar o professor de português.

Figura 3

3.1 Iniciante (A1)

3.1.1 Expressão oral (EO)

Nível curricular	Habilidade linguística	Componente de conhecimento específico	Exemplos/Comentários
A1	EO	1	
		Articular sons da língua portuguesa para ser entendido em interações simples	Compare os sons da língua portuguesa com os da língua do país onde o aluno mora

Fonte: Relações Exteriores, 2020, p. 32.

A atividade da figura 3 expõe como componente específico a articulação dos sons do idioma, e usa como exemplos a comparação entre a língua materna do aprendente. Mas que língua materna é essa que poderá ser comparada a quais sons do português brasileiro? Espanhol de que variedade? Quais técnicas, ou ainda, qual exemplo prático pode o professor dispor como um modelo para a sua prática pedagógica.

Enquanto isso, muitos cursos de Letras das universidades brasileiras não contemplam em seu plano de ensino uma disciplina de metodologia de PLNM e PLH⁵, não havendo espaço facilitador e de capacitação para fomentar a internacionalização da língua em local especializado, o que resulta na formação de profissionais de Letras que não conhecem as possibilidades profissionais que a área dispõe. Realidade que, entre outras consequências, promove a divisão de recursos didáticos espalhados por portais e sites na internet, com tópicos que não consideram as variáveis de cada caso,

⁵ Universidade Presbiteriana Mackenzie: <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/letras/matriz-curricular>
Pontifícia Universidade Católica de SP: <https://www.pucsp.br/graduacao/letras-portugues-e-ingles-licenciatura#matriz-curricular>

como a trajetória dos profissionais da área, que por sua vez lecionam para estudantes de realidades diversas.

9. Considerações finais

A língua é política e cada variedade da língua portuguesa tem uma cultura e história associada e ramificada em diversas pátrias, ainda que seja um mesmo código linguístico. Neste trabalho, procurou-se realizar uma discussão e reflexão sobre as políticas linguísticas de ensino de português internacionalmente, na perspectiva dos profissionais que lidam diariamente com os desafios de atuar neste meio enquanto pesquisadores de PLNM.

Procurou-se ainda, abordar as nuances e particularidades das variedades do português, ressaltando a sua pluralidade e interação na esfera sociocultural de seus falantes. Ainda que brevemente, partiu-se da realidade do PLH para fotografar um dos diversos territórios em que a língua portuguesa vem florescendo, anunciando o impacto que ações tomadas hoje podem exercer no futuro da língua portuguesa como idioma internacional.

Fez-se ainda críticas a posição brasileira sobre o fato de ignorar, desde a academia até os órgãos governamentais, a língua portuguesa como idioma internacional, e não promover intercâmbio de ideias, materiais oficiais, espaços para discussão do tema como parte integrante do curso de Letras nas universidades do país e ainda a falta de ferramentas efetivas para a prática do ensino de PLNM. A crítica ao instituto camões se fez presente na discussão sobre a maneira segregada em que a instituição considera a língua portuguesa, ou seja, manter atividades pedagógicas apenas em português de Portugal, aceitar majoritariamente cidadãos portugueses para promover a língua internacionalmente e abster-se de debates sobre a língua numa perspectiva plural, o que revela uma relação de poder político cultural por meio da língua, disseminando preconceitos linguísticos.

Por fim, sublinha-se que este artigo representa uma proposta em consolidação, sendo ainda necessário um trabalho de pesquisa minucioso sobre políticas linguísticas do português como língua internacional na busca por perceber detalhadamente como o ensino de PLNM vem sendo realizado pelo mundo, e ainda na tentativa de promover debates para criar iniciativas de promoção da língua portuguesa numa perspectiva pluricêntrica e decolonial, a medida que todos os países integrantes da comunidade de língua portuguesa possam trabalhar cooperando mutuamente.

Referencias

- Bakhtin, M.; Voloshinov, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].
- Bagno, M. **Lusofonia ou ilusofonia?** Postado em 13/08/2013. Disponível em <<https://marcosbagno.wordpress.com/tag/caros-amigos-2/page/3/>>. Visualizado em 13 de maio de 2021.
- Bastos, M; Melo-Pfeifer, S. **O Português em Moçambique e na Alemanha: da diversidade de estatutos à diversidade de abordagens didáticas**. In: Monteiro, A. C; Siopa, C; Marques, J.A; Bastos, M. (ed.). *Ensino de Língua Portuguesa em Contextos Multilíngues e Multiculturais*. Porto: Porto Editora, 2017, p. 173-194.
- Dabène, L. **Repères sociolinguistiques pour l'enseignement des langues**. Paris: Hachette, 1994.
- Faraco, C.A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- Labov, W. **Sociolinguistic patterns**. U. Pennsylvania Press, 1972.
- Lopes, Â. F; Pinto, M. G. L. C. **Do Ensino Bilingue em Moçambique**. LINGVARVM ARENA - VOL. 8, 2017, pp.69-92.
- Maingueneau, D. **Discurso e análise do discurso (Linguagem)**. São Paulo: Parábola, 2020.
- Moroni, A; Gomes, J.A. **O Português como Língua de Herança hoje e o trabalho da Associação de Pais de Brasileirinhos na Catalunha**. In: *Revista de Estudios Brasileños*, nº2, 2015, Barcelona, pp. 21-35.
- Melo-Pfeifer, S. **Português como Língua de Herança: que português? Que língua? Que herança?** In: *Domínios da Linguagem*. Uberlândia, vol.12, n. 2, pp.116-1179, 2018.
- Pinho, F. **Transformações na emigração brasileira para Portugal: De profissionais a trabalhadores**. 2012. Tese de Doutoramento em Sociologia- Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), 2014.
- Quijano, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- Relações Exteriores, M. **Proposta curricular para o ensino de português como língua de herança**. Brasília :FUNAG, 2020.
- Santos, B. S; Meneses, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.
- Siga, J. M.; Silva, C.S.L (Org.). **O lugar da cultura na didática de Português Língua Não Materna**. In: *Linhas para Expansão e Afirmação da Língua Portuguesa como LE/L2*. Fortaleza: Além-mar, 2021.

Villela, V.G. A "**internacionalização**" do Português e as **Novas Relações de Poder** entre os Países de Língua Portuguesa. 2014. Tese de doutoramento em Ciências Políticas – Universidade Aberta, Lisboa, 2014.